

### ***Livro da Virtuosa Benfeitoria: um tesouro (des)cobre-se...***

Ao longo de quase 600 anos, entre Coimbra e Lisboa, Évora e Viseu, ele foi pertença de, pelo menos, um príncipe, um rei, um arcebispo, vários monges e um doutor.

Embora apresentando *as marcas do tempo*, ao levantar do plano de cima da sua austera encadernação de madeira coberta com pele, descobrem-se onze *cadernos* de bom *pergaminho* de ovino e uma mancha textual castanha, disposta numa única e harmónica coluna, onde numa elegante *gótica libreria* se dá a conhecer a adaptação que D. Pedro, *o das sete partidas*, e Frei João Verba, seu amigo e confessor, fizeram da obra *De Beneficiis* de Séneca.

Tido como o *manuscrito original*, modelo dos seis conhecidos, é um tratado moral e político, especialmente centrado no acto de dar e receber *benefícios*.

Assim sendo, duas belíssimas *cercaduras* de motivos vegetalistas abrem a *Dedicatória* e o *Livro Primeiro*, descobrindo-se a cada novo *Livro* uma *inicial* filigranada que, sob um fundo de ouro, alterna entre o rosa e o azul e se prolonga numa pequena *tarja* de estilo francês.

Encimados por *rubricas*, os *Capítulos* apresentam-se com *iniciais* preenchidas a azul de onde partem longas *tarjas* vermelhas de motivos vegetalistas estilizados.

Na maioria das vezes dispensando as palavras, ele dá a conhecer alguns dos seus ilustres leitores, seja através das suas divisas ou das suas anotações, e perpétua na História a *ars* de incógnitos mestres artesãos, sejam eles o pergaminheiro, o iluminador ou o encadernador.

Eis que se (des)cobre o *trauttado da virtuosa benfeytoria...*

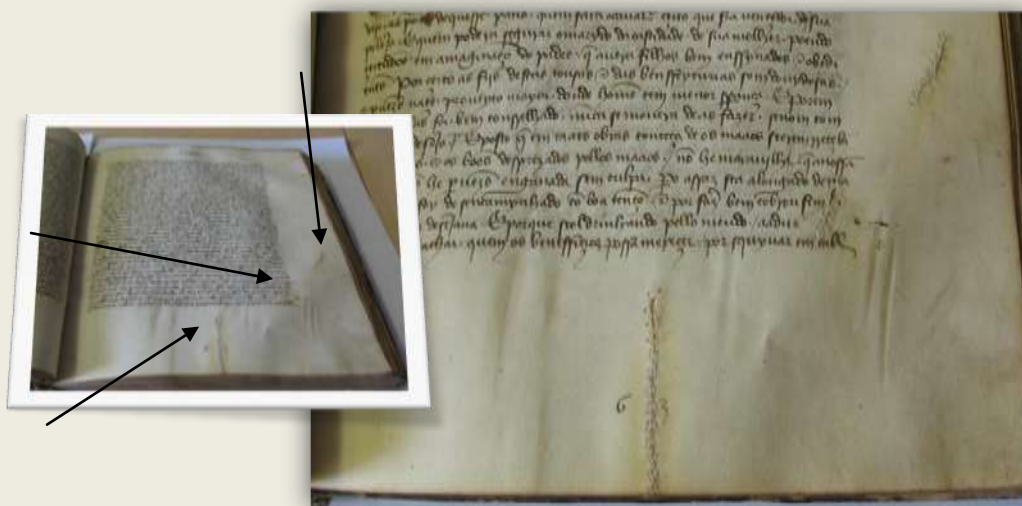
D. PEDRO, Duque de Coimbra e VERBA, Frei João – *Livro da Virtuosa Benfeitoria* [manuscrito]. [c. 1430/1433]. 133f. perg. Acessível na Biblioteca Municipal D. Miguel da Silva, Viseu, Portugal, Cofre 12.

## 1 – O SUPORTE...

*Pergaminho*<sup>1</sup> de ovino de um amarelo claro homogéneo e excelente qualidade, comprovada pelos seus cerca de 0,1mm de espessura – de maneira a garantir um resultado final de boa qualidade, um *pergaminho* deve ter uma espessura de décimas de milímetro, com 0,5mm é ainda muito grosso.

A escolha da pele de ovelha não é de todo aleatória. Com uma maior capacidade de reprodução do que a cabra e um ciclo de vida útil menor do que a vaca, a ovelha perfila-se como o animal ideal para a manufatura do *pergaminho*, uma vez que, devido à disposição da sua estrutura pilosa, a sua pele é mais facilmente adelgada logo, mais susceptível de receber bem as tintas a utilizar no texto e sua ornamentação.

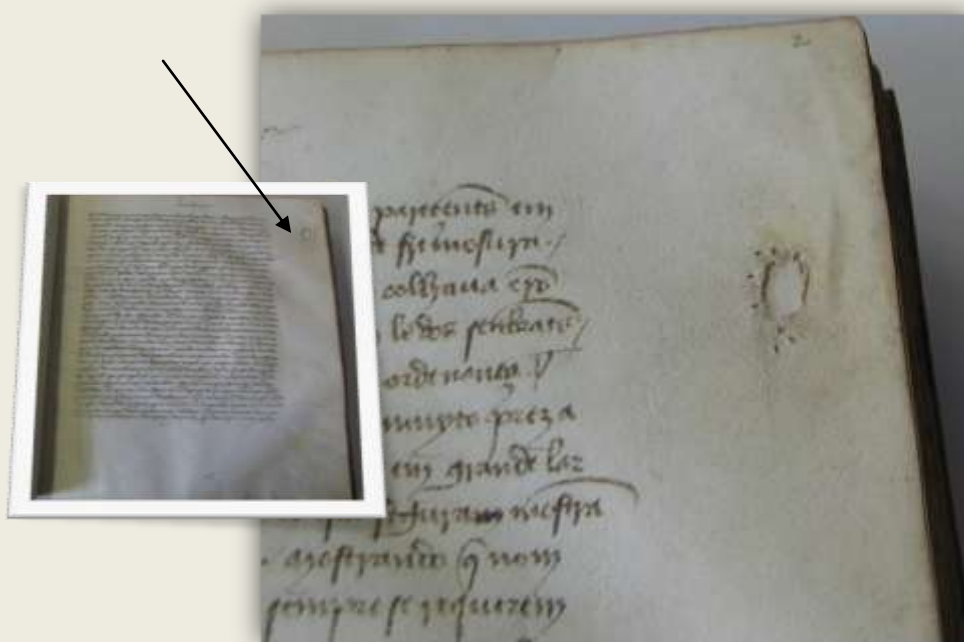
Fazendo jus à mentalidade medieval de aproveitar ao máximo o animal, os rasgões, as chagas e até as marcas dos seus membros não são razões suficientes para inviabilizar a utilização de determinado *pergaminho*, pelo contrário, essas (im)perfeições tornam-se parte integrante do *códice*<sup>2</sup>, na maioria das vezes remendadas, outras vezes, poucas, “ao natural”, por esquecimento do mestre pergaminheiro.



Fotografias 1 e 2 – remendos, f. 63[67].

<sup>1</sup> Suporte de escrita preparado a partir de pele de animal – ovelha, cabra, vaca, etc. – sem curtimento. Depois da pele mergulhada em cal, e retirados os músculos e o pêlo, é esticada num bastidor e adelgada com uma faca redonda até se atingir a espessura pretendida.

<sup>2</sup> Livro manuscrito organizado em *cadernos* independentes que são depois cosidos e encadernados.



Fotografias 3 e 4 – chaga não remendada, f. 16[20].



Fotografias 5 e 6 – marca do membro do animal f. 88[92].

## 2 – OS CADERNOS<sup>3</sup>...

São onze mais um *fólio*, acrescentado de maneira a permitir acabar o texto.

Na realidade, o *códice* não apresenta qualquer *quaternum*<sup>4</sup>. Apresenta sim, nove *senios*, um *quinium* e um *septenium*, cuja unidade básica é o *bifólio*<sup>5</sup>.

<b>caderno</b>	<b>fólios</b>	<b>bifólios</b>	<b>designação</b>	<b>localização</b>
1.º	12	6	<i>senium</i>	do f.[1] ao f. 8[12]
2.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 9[13] ao f. 20[24]
3.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 21[25] ao f. 32[36]
4.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 33[37] ao f. 44[48]
5.º	10	5	<i>quinium</i>	do f. 45[49] ao f. 54[58]
6.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 55[59] ao f. 66[70]
7.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 67[71] ao f. 78[82]
8.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 79[83] ao f. 90[94]
9.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 91[95] ao f. 102[106]
10.º	12	6	<i>senium</i>	do f. 103[107] ao f. 114[118]
11.º	14	7	<i>septenium</i>	do f. 115[119] ao f. 128 [132]

Tabela 1 – estrutura dos *cadernos*.

### 2.1 – Regra de Gregory<sup>6</sup>...

Não segue totalmente a *regra da coloração uniforme da página* ou *regra de Gregory*<sup>7</sup>, apresentando “anomalias” na passagem do primeiro para o segundo *caderno*, do quinto para o sexto e deste para o sétimo, assim como na própria disposição dos *fólios* no interior dos *cadernos*, veja-se o que acontece no segundo *caderno*, assim como no sexto, oitavo, décimo e décimo primeiro.

<sup>3</sup> Conjunto de *bifólios* de *pergaminho* ou *papel* dobrados ao meio e encartados uns nos outros.

<sup>4</sup> *Caderno* formado por quatro *bifólios*, logo oito *fólios*. É a estrutura mais utilizada na construção dos manuscritos medievais, deu origem ao actual vocábulo *caderno*.

<sup>5</sup> Peça rectangular de material para suporte de escrita que, quando dobrada ao meio, dá origem a dois *fólios*.

<sup>6</sup> Princípio segundo o qual, de maneira a evitar que páginas contíguas tenham coloração e qualidade distintas quando o *códice* se encontra aberto, o mesmo lado do *pergaminho* (*carne* ou *pêlo*) deve coincidir em páginas colocadas frente-a-frente.

Uma vez que se tratou de um estudo a “olho nu”, foram tidas em conta a coloração e a aderência da tinta ao *pergaminho* no entanto, dada a qualidade do mesmo, a observação deste princípio foi bastante difícil como tal, a autora adverte para a (in)certeza das conclusões que aqui apresenta.

<sup>7</sup> O nome deste princípio técnico advém do erudito alemão Caspar René Gregory, o primeiro a observá-lo em finais do século XIX.

n.º do caderno	esquema
f. guarda (frente)	PC
1.º	CP PC CP PC CP PC / CP PC CP PC CP PC
2.º	PC CP CP PC CP PC / CP PC CP PC PC CP
3.º	PC CP PC CP PC CP / PC CP PC CP PC CP
4.º	PC CP PC CP PC CP / PC CP PC CP PC CP
5.º	PC CP PC CP PC / CP PC CP PC CP
6.º	CP PC PC CP CP PC / CP PC PC CP CP PC
7.º	PC CP PC CP PC CP / PC CP PC CP PC CP
8.º	PC PC PC PC PC PC / CP CP CP CP CP CP
9.º	PC CP PC PC CP PC / PC PC CP CP CP CP
10.º	PC PC PC PC CP CP / PC PC CP CP CP CP
11.º	PC PC PC PC PC PC PC / CP CP CP CP CP CP CP
f. 129[133]	CP
f. guarda (trás)	PC

**Tabela 2** – regra de Gregory.

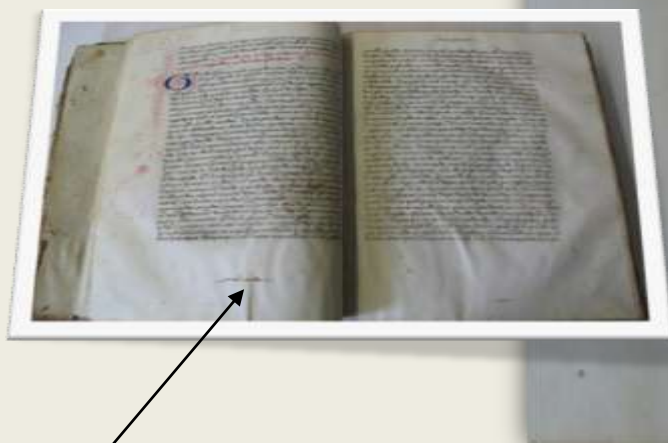
Uma vez que o manuscrito não apresenta indícios de manipulação ou mutilação dos *cadernos*, algumas destas “anomalias” podem explicar-se pela preferência pelo *lado da carne*, muito mais susceptível de receber bem a decoração pretendida, outras apenas poderão ser explicadas por alguma distração do artesão aquando da construção dos *cadernos*.

## 2.2 – Sistema de ordenação...

Os *cadernos* são ordenados tendo em conta dez *reclamos*<sup>8</sup>, com orientação horizontal, inscritos a meio da *margem de rodapé*.

localização	texto
f. 8v[12v]	“em tal entender”
f. 20v[24v]	“os outros”
f. 32v[36v]	“os pecadores”
f. 44v[48v]	“aconteçe”
f. 54v[58v]	“e por quanto”
f. 66v[70v]	“dignidade”
f. 78v[82v]	“outros no tempo”
f. 90v[94v]	“o que per sua”
f. 102v[106v]	“de prestar”
f. 114v[118v]	“que por totalas”

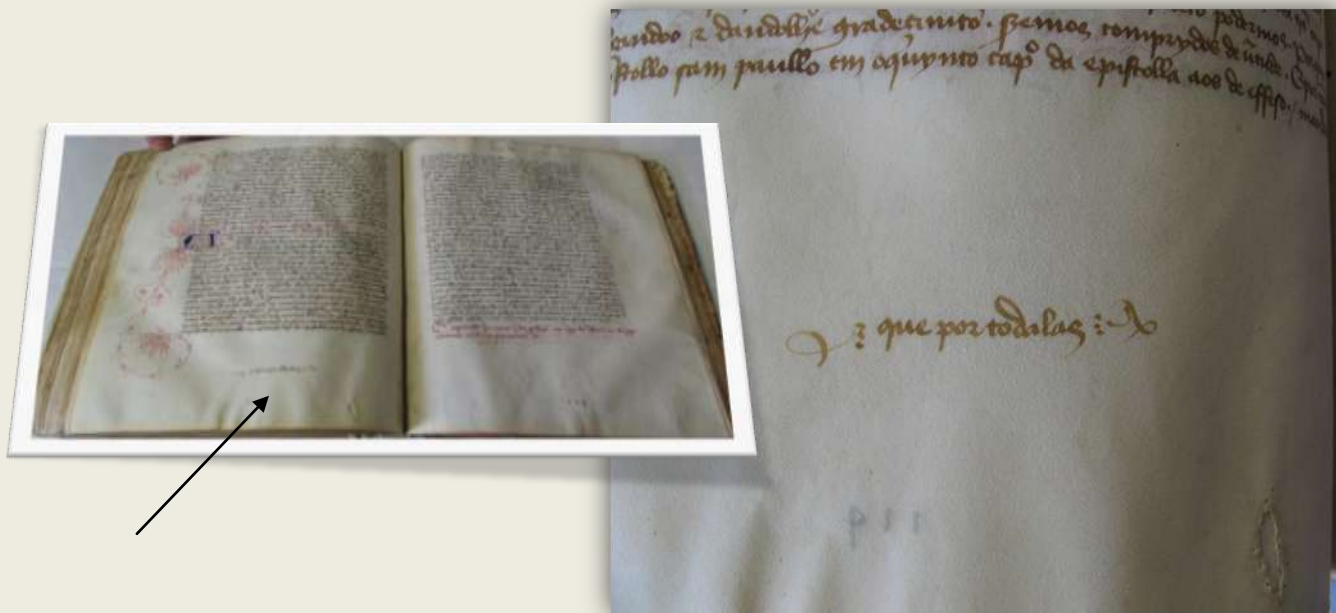
Tabela 3 – localização e texto dos *reclamos*.



Fotografias 7 e 8 – *reclamo* do final do primeiro *caderno*, f. 8v[12v].

<sup>8</sup> Modo de ordenação dos *cadernos* que consiste num grupo de letras ou palavras colocadas na *margem de rodapé* do verso do último *fólio* de um *caderno* que se repetem no início do primeiro *fólio* do *caderno* seguinte.





Fotografias 9 e 10 – reclamo do final do décimo caderno, f. 114v[118v].

### 3 – A PÁGINA...

O plano da página apresenta-se segundo o sistema *margem + texto + margem*, cujos espaços se distribuem da seguinte maneira<sup>9</sup>:

*larg: 25mm + 132mm + 45mm (202mm) × alt: 30mm + 200 mm + 65mm (295mm)*

de onde resulta uma página com 59590mm<sup>2</sup> de área.

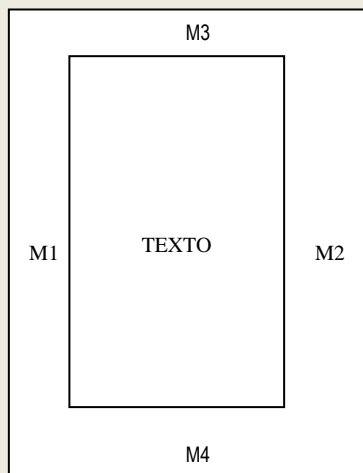


Figura 1 – plano da página.

[M1 (dorso) + TEXTO + M2 (goteira) × M3 (cabeceira) + TEXTO + M4 (rodapé)]

<sup>9</sup> Fólio de exemplificação = f. 46[50].

### 3.1 – A caixa de texto...

Com uma proporção de 1,47<sup>10</sup> – *Duplo Rectângulo de Pitágoras*<sup>11</sup> – é constituída por quatro linhas decalcadas a *plumbagina*<sup>12</sup>, a saber: duas linhas verticais paralelas, nas margens de dorso e de *goteira*, que se intersectam com duas linhas horizontais, também paralelas, nas margens de *cabeceira* e de *rodapé*<sup>13</sup>.

Localizado nas referidas margens de dorso e de *goteira*, feito com *sovela*<sup>14</sup> ou *compasso*, é somente ao nível da *caixa de texto* que o *manuscrito* apresenta *picotamento*<sup>15</sup>, cujo sistema seguido é o do *caderno* ou seja, apenas o primeiro *fólio* é picotado, estendendo-se este depois a todos os *fólios* de um mesmo *caderno*.



Fotografia 11 – caixa de texto, f. 36v[40v] – f. 37[41].

<sup>10</sup> *Fólio* de exemplificação = f. 46[50].

<sup>11</sup> Para se averiguar se um manuscrito apresenta algum tipo de *superfície harmónica*, divide-se a dimensão do lado maior pela dimensão do lado menor de cada uma das figuras geométricas rectangulares que o constituem.

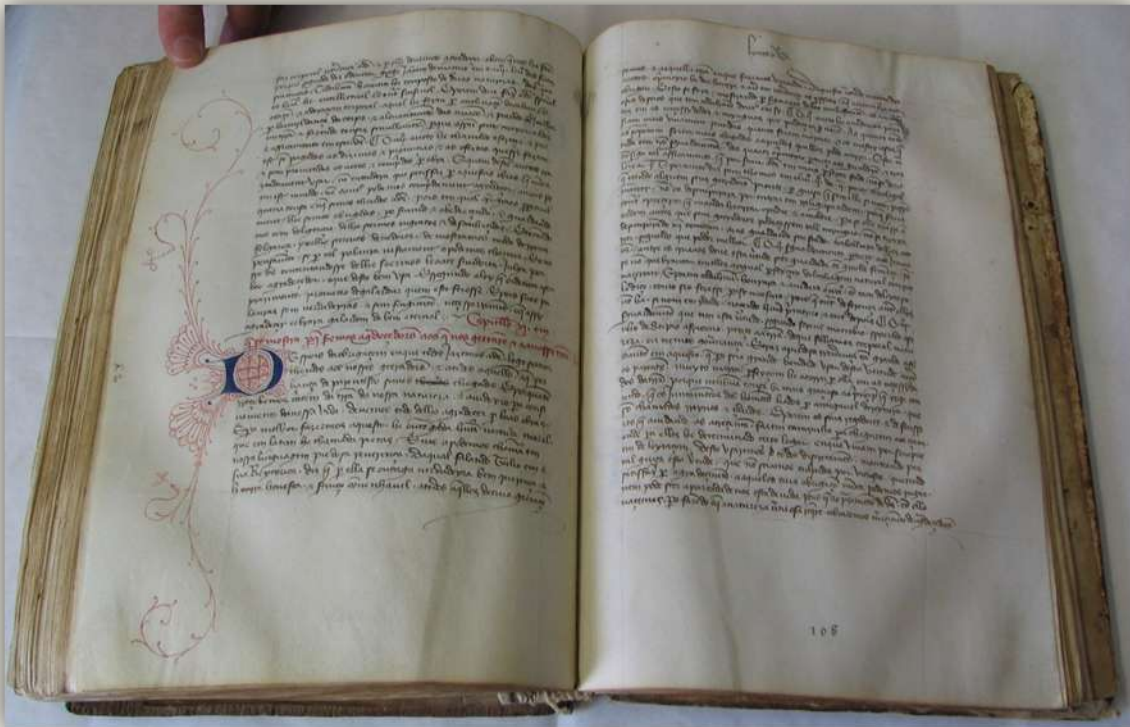
<sup>12</sup> Sinónimo de grafite – mineral cinzento-escuro constituído por carbono.

<sup>13</sup> Às linhas que formam a *caixa de texto* dá-se o nome de *linhas mestras*.

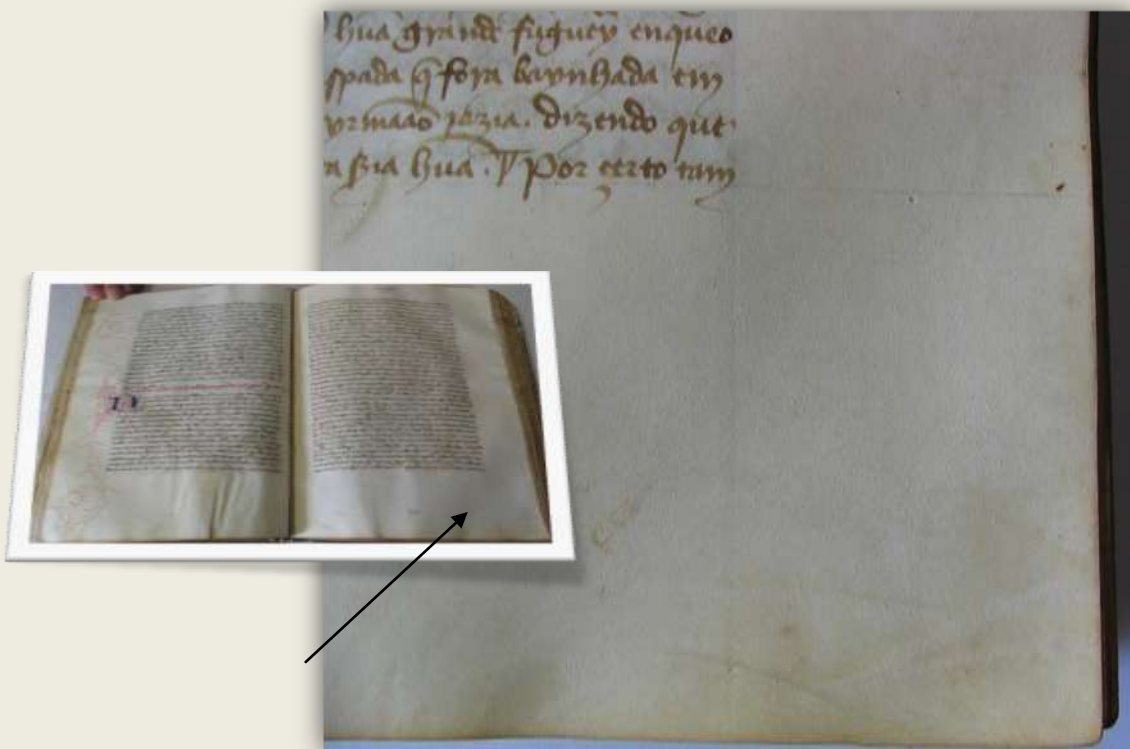
<sup>14</sup> Instrumento pontiagudo, em forma de agulha, com cabo de madeira usado para abrir furos no *pergaminho*.

<sup>15</sup> Sistema de pequenos sinais que servem como pontos de referência no traçado de linhas.





Fotografia 12 – caixa de texto, f. 107v[111v] – f. 108[112].



Fotografias 13 e 14 – picotamento na margem de goteira, f. 42[46].

### 3.2 – O regramento<sup>16</sup>...

Com 36 linhas e uma unidade de 5,71mm<sup>17</sup>, o *regramento* não se apresenta visível, facto do qual se depreende ter sido feito com *plumbagina*.

### 3.3 – A *foliação*<sup>18</sup>...

Apresenta-se em numeração árabe, disposta no meio da *margem de rodapé*, mas somente a partir do quinto *fólio*, numerado como primeiro coincidindo com o início do *Livro Primeiro*. A *Dedicatória* e a *Tavoa* não apresentam *foliação*.

É provável que se trate da *foliação* primitiva, uma vez que se crê ter sido D. Pedro quem introduziu a *foliação* com numeração árabe em Portugal.



Fotografias 15, 16, 17 e 18 – primeiro e último *fólio* foliado, f. 1[5] e f. 129[133], respectivamente.

<sup>16</sup> Sistema segundo o qual se inscrevem *regras*/linhas destinadas a serem suporte do texto, propriamente dito.

<sup>17</sup> *Unidade de regramento* = alt. da caixa de texto ÷ n.º de linhas (menos uma).

$$[UR = 200\text{mm} \div 35 (36 - 1)]$$

<sup>18</sup> Acto de numerar apenas a frente ou o verso dos *fólios* de um *códice* ou de um livro impresso.

## 4 – A ESCRITA...

Feita a uma só mão, provavelmente a mão de Frei João Verba.

### 4.1 – A letra...

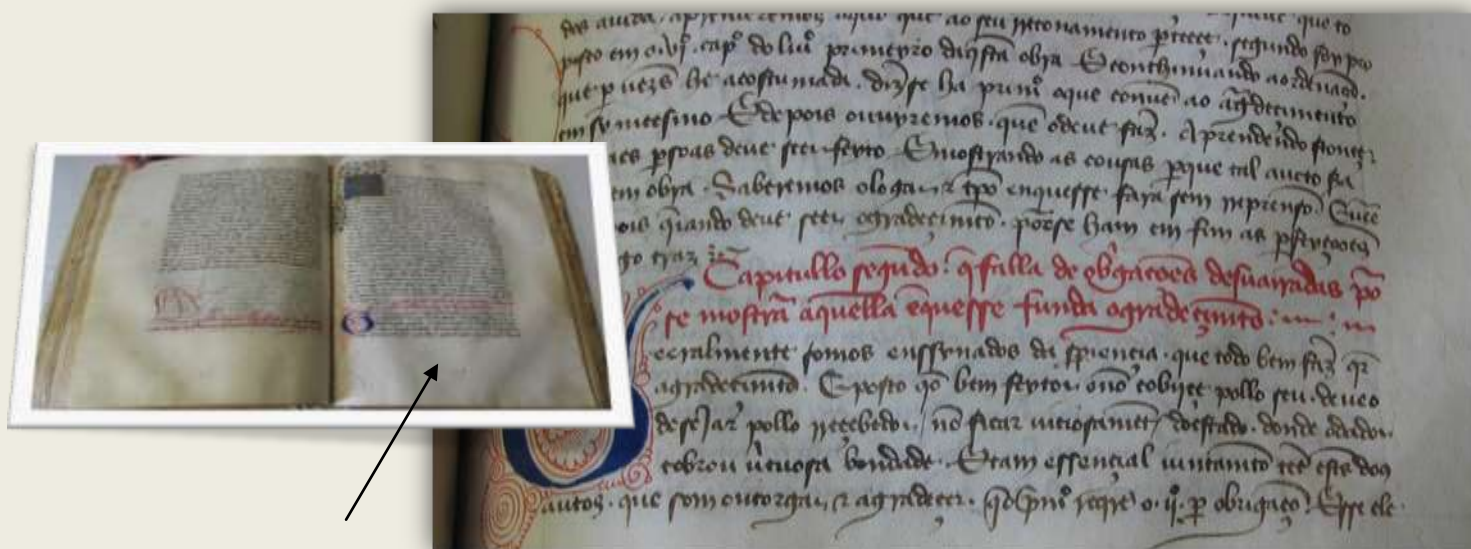
É uma *gótica librária* com uma *proporção modular* de 1,33<sup>19</sup>.

Em Portugal, a letra *gótica* vigora até ao século XVII, sobretudo no que diz respeito aos documentos administrativos. No entanto, o seu período áureo compreende-se entre os séculos XIII a XVI.

Imitando a arte, é um tipo de letra que, tal como o arco em ogiva, se caracteriza pelo carácter anguloso que imprime em formas tradicionalmente redondas, o que a transforma numa letra rígida e curta, onde a contracção e abreviação das palavras proliferam.

### 4.2 – A tinta...

É provável que tenha como base a solução obtida pela dissolução dos ácidos tânico e gálico presentes na noz de galha, imprimindo-lhe, dessa maneira, o seu característico tom castanho.



Fotografias 19 e 20 – A escrita, f. 95[99].

<sup>19</sup> *Proporção modular* = *corpo* ÷ *haste* [PM = 4mm ÷ 3mm].



## 5 – A ORNAMENTAÇÃO...

De iluminador desconhecido, o *códice* tem uma ornamentação cuidada e policromática, com predomínio para o ouro<sup>20</sup>, o azul, o rosa, o vermelho e o preto.

Tal como a imposição do texto na página, também a imposição dos ornamentos, obedece a um plano prévio que determina o *onde* e o *como*, tendo sempre a harmonia como objectivo final.

### 5.1 – As iniciais<sup>21</sup>...

De maneira a destacar as partes mais importantes da estrutura externa do texto e, dentro desta, distinguir as principais e as secundárias, o manuscrito apresenta dois tipos de *letras iniciais*, as *iniciais de Livro* e as *iniciais de Capítulo*, respectivamente.

Fora do âmbito do *Livro* e do *Capítulo*, destaca-se ainda a *inicial da Dedicatória*.

#### 5.1.1 – As iniciais de Livro...

<i>livro</i>	<i>inicial</i>	<i>dimensões</i> <sup>22</sup>	<i>decoreção</i>
Primeiro f. 1[5]		50mmX50mm	sob fundo a ouro, <i>D</i> preenchido a azul e decoreção filigranada. No interior, flores e folhas de acanto que se prolongam para o exterior num entrelaçado que rodeia a inicial e serve como ponto de partida para uma <i>cercadura</i> .
Segundo f. 18[22]		30mmX30mm	sob fundo a ouro, <i>A</i> preenchido a rosa e decoreção filigranada. No interior, um entrelaçado de motivos vegetalistas. Idênticos motivos o cercam no exterior.

<sup>20</sup> Embora tratando-se de um estudo a “olho nu”, é convicção da autora que se trata na realidade de folha de ouro.

<sup>21</sup> Em *codicologia*, a *inicial* é a primeira letra de um *livro* e/ou *capítulo*, de corpo superior às restantes e, por norma, ornamentada.

<sup>22</sup> Dimensões aproximadas.





<i>livro</i>	<i>inicial</i>	<i>dimensões</i>	<i>decoreção</i>
Terceiro f. 67[71]		35mmX35mm	sob fundo a ouro, D preenchido a azul e decoreção filigranada. No interior, um entrelaçado de motivos vegetalistas. Idênticos motivos o cercam no exterior.
Quarto f. 82v[86v]		30mmX30mm	sob fundo a ouro, P preenchido a rosa e decoreção filigranada. No interior, um entrelaçado de motivos vegetalistas. Idênticos motivos o cercam no exterior.
Quinto f. 95[99]		32mmX32mm	sob fundo a ouro, S preenchido a azul e decoreção filigranada. No interior, um entrelaçado de motivos vegetalistas. Idênticos motivos o cercam no exterior.
Sexto f. 115v[119v]		35mmX35mm	sob fundo a ouro, S preenchido a rosa e decoreção filigranada. No interior, um entrelaçado de motivos vegetalistas. Idênticos motivos o cercam no exterior.

Tabela 4 – as iniciais de Livro.

De notar a alternância entre o azul e o rosa no preenchimento das letras e a proporcionalidade das mesmas – embora umas maiores do que outras, todas são *quadrados perfeitos*.

### 5.1.2 – A inicial da Dedicatória...

Sob um fundo a ouro, num motivo entroncado, a azul e cinza, e decoração filigranada, apresenta-se o *D* que inicia a *Dedicatória*, propriamente dita. No exterior, motivos vegetalistas estilizados, onde predominam o azul, o rosa e o cinza. No interior, sob um fundo azul e rosa e decoração filigranada, a divisa de D. Pedro – balança em equilíbrio onde se entrelaça uma faixa branca com uma inscrição que parecer ser: *DESIR*<sup>23</sup>.



Fotografia 21 – inicial da Dedicatória, f. [1].

De elaboração posterior às *inicias de Livro*, também a *inicial da Dedicatória* foi pensada tendo em conta a proporcionalidade – com 43mmX35mm, inscreve-se em *dois rectângulos áureos justapostos pelo lado maior* – e a harmonia – note-se as escolhas cromáticas e decorativas, sobretudo no interior da *inicial*, onde sobressai uma decoração filigranada sob um fundo rosa e azul, cores que alternam no preenchimento das *iniciais de Livro*.

### 5.1.3 – As iniciais de Capítulo...

Todas as *iniciais de Capítulo*, onde se inclui a *inicial da Tavoia*, são preenchidas a azul, apresentando no interior motivos vegetalistas, mais ou menos, estilizados e motivos enrolados, todos inscritos a vermelho. Circundam-nas idênticos motivos que depois se prolongam em *tarjas*.

De igual modo, com 25mm de altura e 20mm de largura, todas são proporcionais, inscrevendo-se em *dois rectângulos áureos justapostos pelo lado maior*, tal como acontece com a já referida *inicial da Dedicatória*.



Fotografias 22, 23 e 24 – iniciais E, T e M, f. [2v], f. 23[27] e f. 81v[85v], respectivamente<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Devido ao sumiço das letras, esta inscrição é de difícil leitura, é provável que seja a insígnia da *Draconis Equitas Societas Imperatur et Regis* – Ordem do Dragão – entregue por Segismundo da Hungria a D. Pedro.



Somente o *D*, inicial do Capítulo XI – Livro Sexto, não se enquadra no que ficou dito uma vez que, por provável esquecimento do iluminador, não existe.



Fotografias 25 e 26 – Capítulo XI – Livro Sexto sem a respectiva inicial, f. 127[131].

## 5.2 – As tarjas<sup>25</sup>...

Dentro do mesmo contexto e com a mesma função das *iniciais* ou seja, a distinção entre as partes principais e secundárias presentes na estrutura externa do texto, o manuscrito apresenta dois tipos de *tarjas* que se prolongam pela *margem de dorso* ou de *goteira*, conforme seja o caso.

### 5.2.1 – As tarjas de Livro...

Com excepção do *Livro Primeiro*, de todas as *iniciais de Livro* partem pequenas *tarjas de estilo francês* – motivos vegetalistas (flores, folhas e frutos) decorados a ouro, azul, rosa, verde, vermelho e preto.



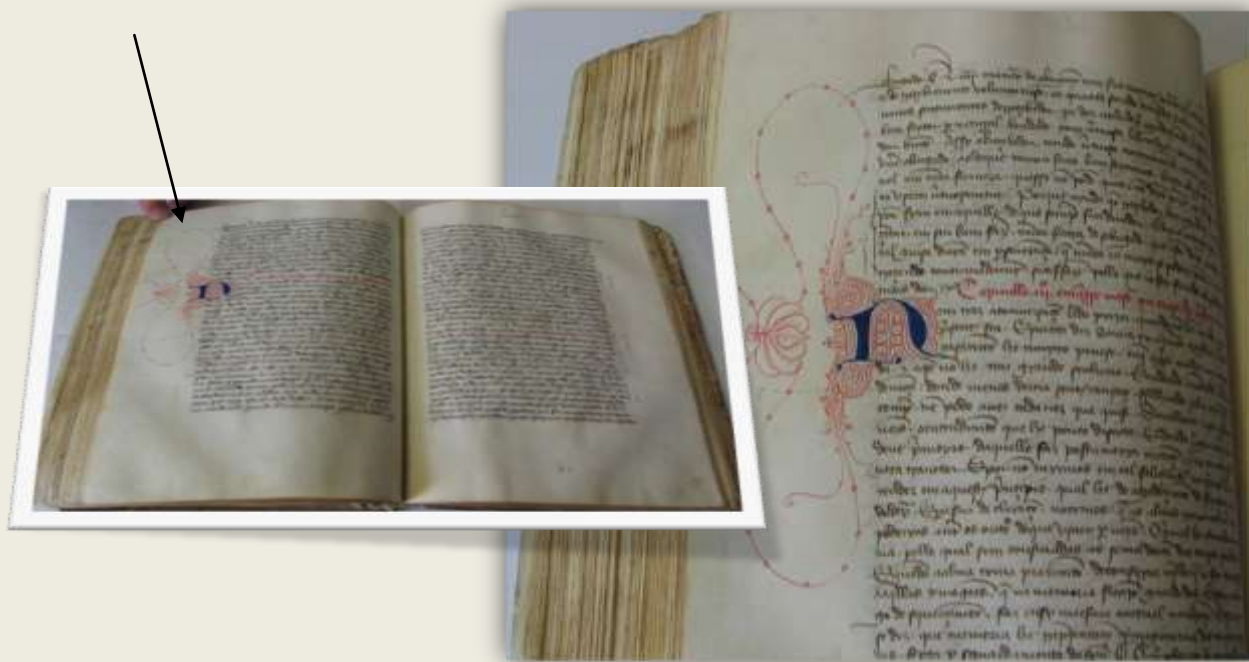
Fotografia 27 – inicial e respectiva tarja do Livro Quinto, f. 95[99].

<sup>24</sup> Trata-se, respectivamente, da *inicial da Tavoia*, da *inicial do Capítulo VI – Livro Segundo* – e da *inicial do Capítulo XIV – Livro Terceiro*.

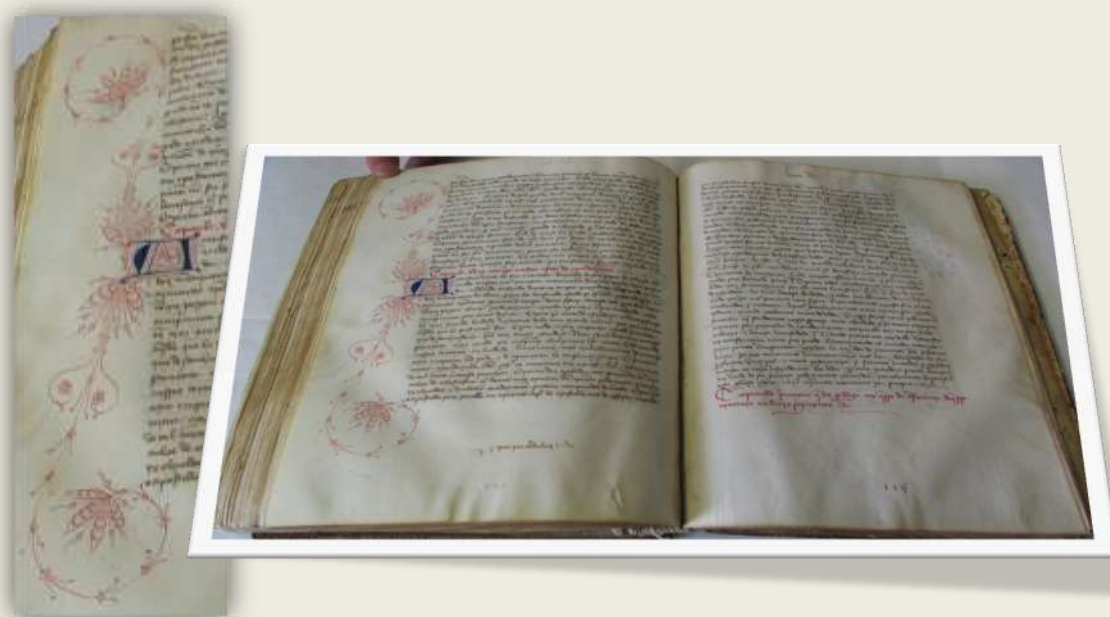
<sup>25</sup> Faixa decorativa que acompanha o texto ao longo das respectivas margens.

### 5.2.2 – As tarjas de Capítulo...

Com excepção do *Capítulo XI – Livro Sexto*, porque não apresenta a correspondente *inicial*, de todas as *iniciais de Capítulo* partem longas *tarjas* vermelhas, algumas chegam a ocupar toda a *margem de dorso* ou de *goteira*, de motivos vegetalistas estilizados e motivos enrolados.



Fotografias 28 e 29 – inicial e respectiva tarja do Capítulo IV – Livro Quinto, f. 96v[100v].



Fotografias 30 e 31 – inicial e respectiva tarja do Capítulo XVII – Livro Quinto, f. 114v[118v].

### 5.3 – As cercaduras<sup>26</sup>...

O *códice* apresenta duas *cercaduras*, a saber:

- na *Dedicatória*, f. [1], *cercadura de estilo francês* incompleta (não reúne com a respectiva *inicial na margem de cabeceira*).

Circundado por motivos vegetalistas (flores, folhas e frutos) a ouro, azul, rosa, vermelho, verde e negro, aparece um *filete* preenchido a ouro, azul e rosa.



**Fotografia 32** – *cercadura da Dedicatória*, f. [1].

- no *Livro Primeiro*, f. 1[5], da *inicial* sai uma *cercadura* também de motivos vegetalistas – um longo caule verde entrelaçado, de onde desabrocham, para o interior e sob um fundo de ouro, folhas de acanto azuis, rosa e vermelhas, e para o exterior, pequenas flores e folhas com as referidas cores.

Junto à *margem de rodapé*, a *cercadura* fecha com dois caules de folhas de acanto, azuis, verdes e rosa, que se desenvolvem em curva e contracurva e de onde saem pequenas flores, folhas e frutos em que, mais uma vez, predomina o ouro, o azul, o rosa, o vermelho, o verde e o preto.



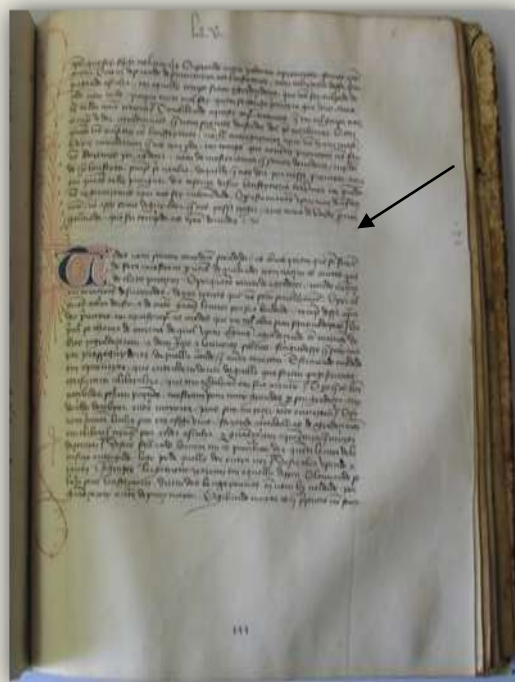
**Fotografia 33** – *cercadura do Livro Primeiro*, f.1[5].

<sup>26</sup> Faixa decorativa que envolve o texto.



### 5.4 – As rubricas...

Mais uma vez com o intuito de delimitar as partes que constituem a estrutura externa do texto, todos os títulos dos *Capítulos* são *rubricas* ou seja, todos se apresentam escritos a vermelho, com excepção do título do *Capítulo XV – Livro Quinto* em que o correspondente espaço se encontra por preencher, com toda a probabilidade, uma desatenção do iluminador.



**Fotografia 34** – *Capítulo XV – Livro Quinto* sem a respectiva *rubrica*, f. 111[115].

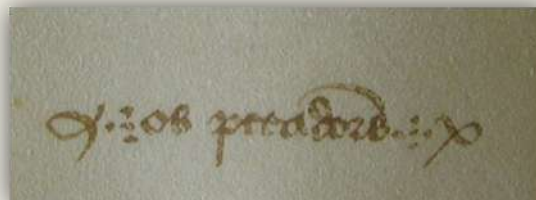
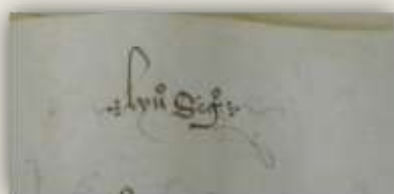
### 5.5 – Outra ornamentação...

- na *Dedicatória*, f. [1], encostada ao lado esquerdo da *margem de cabeceira*, introduzindo uma pequena *Dedicatória* ao futuro Rei D. Duarte, apresenta-se a sua divisa – uma hera verde entrelaçada de modo a formar dois círculos, preenchidos a laranja e com decoração filigranada, na intersecção destes, enrola-se uma faixa branca com a inscrição: *Tayas que serey*<sup>27</sup>.



**Fotografia 35** – divisa de D. Duarte, f. [1].

- as designações de *Livro*, que aparecem sempre a meio da *margem de cabeceira*, apresentam-se ladeadas por duas pequenas flores estilizadas e motivos em laço. Decoração semelhante ladeia os *reclamos*.



**Fotografias 36 e 37** – decoração que ladeia as designações de *Livro* e os *reclamos*, respectivamente.

<sup>27</sup> Devido a uma lacuna no *fólio* e ao sumiço das letras, esta inscrição é de difícil leitura.

### 5.6 – Sinais de aviso...

Como tem vindo a ser referido, a elaboração de um códice pressupõe um cuidado planeamento prévio que, na maior parte das vezes, envolve vários mestres, especialistas em diferentes áreas, desde a preparação do suporte e dos cadernos, à cópia do texto e sua ornamentação, não esquecendo a encadernação do mesmo.

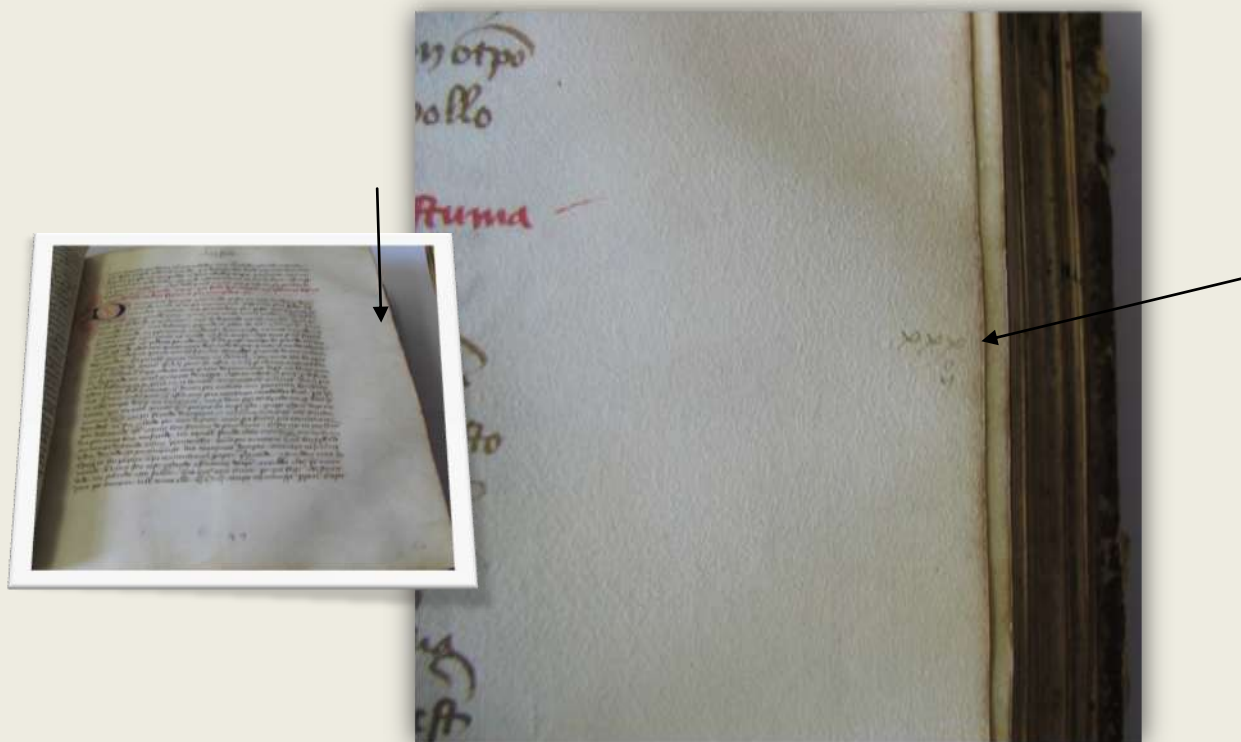
Podendo ou não coabitar no mesmo espaço profissional, eles acabam por comunicar entre si sem, no entanto, ser necessário proferirem qualquer palavra uma vez que, ao longo de todo o processo, vão sendo deixadas pequenas pistas – *sinais de aviso* – que os alertam para a parte do trabalho que cabe a cada um.

Para além dos *reclamos* que, não sendo *sinais de aviso*, são no entanto, uma forma do copista organizar o texto e ordenar correctamente os cadernos para posterior encadernação, o manuscrito apresenta dois tipos de *sinais de aviso* que, no caso, são indicações para o iluminador, a saber:

- sinais indicadores das *iniciais de Livro*: na *margem de goteira* e a negro aparece a versão minúscula da inicial correspondente;
- sinais indicadores de *Capítulo e Livro*: na *margem de goteira*, também a negro e em numeração romana, a indicação do *Capítulo e Livro* correspondente.



Fotografia 38 – sinal indicador do P, inicial do Livro Quarto, f. 83[87].



**Fotografias 39 e 40** – sinais indicadores do *Capítulo XXX – Livro Segundo*, f. 59[63].

Em alguns casos, estes sinais aparecem cortados em outros, poucos, não aparecem sequer. Tais factos nada têm de estranho pois, cumprida a sua missão, o seu destino final é desaparecerem aquando do aparo dos cadernos para a encadernação.

Salutar é uma segunda *foliação* em numeração árabe que, não estando presente em todos os *fólios* de todos os *cadernos*, quando efectivamente está presente só o faz a partir do meio do *caderno*. Marcará ela o meio do mesmo como forma de indicar onde este deve ser cosido? Fica a questão...

## 6 – A ENCADERNAÇÃO...

Com *planos* em madeira e uma *cobertura simples* em pele de ovino de cor castanha, não apresenta qualquer tipo de ornamento com excepção de reminiscências da existência de dez *brochos*<sup>28</sup> de metal – cinco em cada *plano*, quatro em cada um dos cantos e um no meio – dos quais só resta o do meio do *plano de trás*. Apresentando ainda reminiscências da existência de um sistema de fecho, muito provavelmente de metal.

<sup>28</sup> Peça de metal em forma de cravo.



A articulação dos cadernos com os *planos* é feita através de cinco *nervos duplos*, de couro e sisal, que distam 30mm da *cabeça* e do *pé da lombada* e 50mm entre si (excepção feita do terceiro para o quarto em que a distância é somente de 46mm).

Como o *códice* não apresenta *tranchefilas*<sup>29</sup>, com as mesmas funções destas, sobretudo para protecção dos extremos da *lombada*, apresentam-se dois *nervos simples*, um na *cabeça* e outro no *pé da lombada*, que distam do primeiro *nervo duplo* que lhes é mais próximo 30mm.

Elemento externo ao *manuscrito*, propriamente dito, a encadernação não se apresenta como mais um ornamento, pelo contrário, ela serve sobretudo para conferir ao volume solidez e proteger o seu raro e precioso interior.

É provável que se trate da encadernação original e primitiva, logo de cariz medieval, embora já intervencionada e a necessitar de nova intervenção, uma vez que o *plano da frente* se encontra completamente solto, assim como o respectivo *fólio de guarda*.



Fotografias 41 e 42 – *plano da frente* da encadernação.

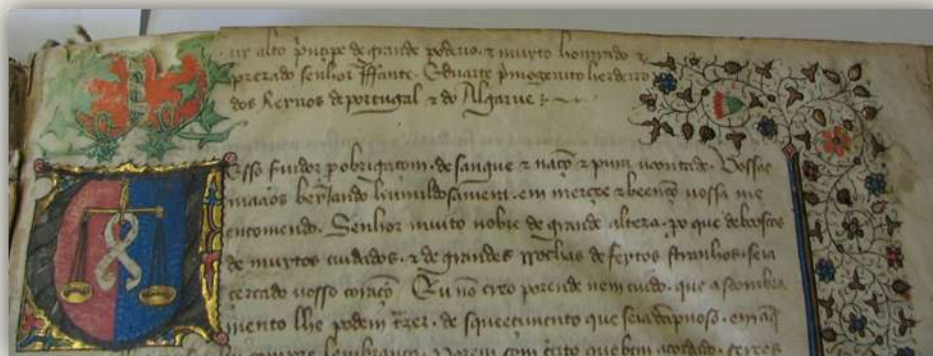


Fotografias 43 e 44 – *plano de trás* da encadernação e *lombada*, respectivamente.

<sup>29</sup> Costura de reforço feita em cada uma das extremidades da *lombada*.

## 7 – A (provável) HISTÓRIA...

“[M]uy alto príncipe de grande poderio e muyto honrrado e /  
prezado senhor Inffante Eduarte primogenito herdeiro /  
dos reynos de Portugal e do Algarve”



Fotografia 45 – pequena Dedicatória, f. [1].

Dedicado ao Rei D. Duarte, então Infante, o *trauttado da virtuosa benfeytoria* é, segundo palavras do Infante D. Pedro, patentes nas linhas 29 e 30 da *Dedicatória*, uma co-autoria entre este e Frei João Verba.

De data incerta, sem dúvida da primeira metade do século XV, crê-se que o *manuscrito viseense* é o mais antigo, o *modelo original* pelo qual todos os outros *manuscritos* se regeram, a saber: dois contemporâneos – um pertença da Biblioteca da Real Academia de História de Madrid e outro da Bodleian Library, em Oxford – e quatro, já do século XIX – três pertencem à Biblioteca Municipal do Porto e o quarto é pertença da Academia de Ciências de Lisboa.

Na dita *Dedicatória*, linhas 9 a 11, é referido o episódio passado aquando das cortes de Santarém em que o futuro Rei D. Duarte pergunta ao irmão pelo *livro dos benefiços* que ele tinha começado em *aquelle anno*, depreendendo-se que a redacção do texto começou em 1418, tendo depois D. Pedro entregue a sua conclusão a Frei João Verba, uma vez que foi chamado pelo rei, seu pai, para auxiliar na guerra com Castela.

Assim sendo, deduz-se que o *códice* foi elaborado entre 1418 e 1433<sup>30</sup> e ao longo dos seus quase 600 anos de vida teve muitos e ilustres leitores.

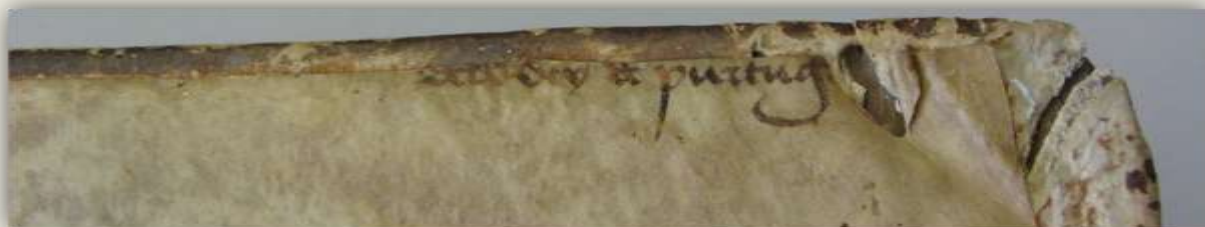
<sup>30</sup> Diversos estudiosos, nomeadamente Adelino de Almeida Calado, situam entre 1430 e 1433 a redacção da *Dedicatória*. Veja-se, CALADO, Adelino de Almeida, ed. crítico – *Livro da Vertuosa Benfeytoria*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1994, p. 34 e segs.

Segundo as suas próprias palavras, foi pertença *del rey de Purtugal*. É muito provável que seja D. Duarte, uma vez que a obra figura no inventário da sua biblioteca, mas poderá ser qualquer soberano entre este e D. Sebastião, até mesmo D. Henrique, uma vez que não é possível determinar com exactidão o destino do manuscrito desde meados do século XV até à segunda metade do século XVI<sup>31</sup>.

Com certeza, e continuando a atender nas suas palavras, sabe-se que em 1587 pertence a D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, que o lega, juntamente com outras obras, ao Convento dos Monges Cartuxos por ele fundado naquela cidade no referido ano.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, a biblioteca do dito convento é incorporada na *Real Biblioteca Pública da Corte*<sup>32</sup>, sendo provável que tenha sido enquanto Bibliotecário do Paço, incumbido de reunir os livros dos extintos conventos, que em 1835 o Dr. António Nunes de Carvalho com ele se encontra, legando-o ao município de Viseu em 1863 como parte integrante da sua biblioteca.

“del rey de Purtug[al]”



**Fotografia 46** – *marca de posse, fólho de revestimento do plano de trás da encadernação.*

“Liber carthusiae scolae caeli dono datus ab illustrissimo et reverendissimo in Christo Pater D. Theotonium / a Bragança Archepiscopo Eborensis fundatore et dotatore eiusdem domus”

<sup>31</sup> Veja-se CALADO, Adelino de Almeida, ed. crítico – *Ob. cit.*, p. 68 e segs. e NASCIMENTO, Aires Augusto do – *As livrarias dos príncipes de Avis. Biblos: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras. Vol. LXIX (1993), p. 265 – 287.

<sup>32</sup> Actualmente, Biblioteca Nacional de Portugal.

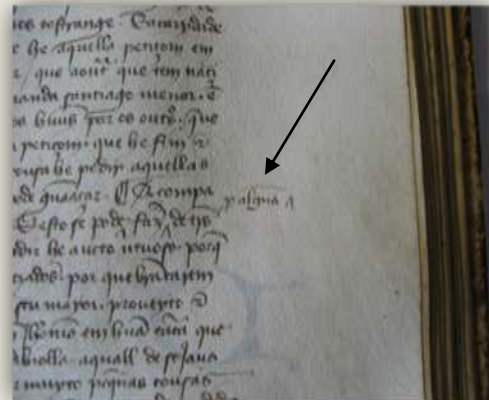
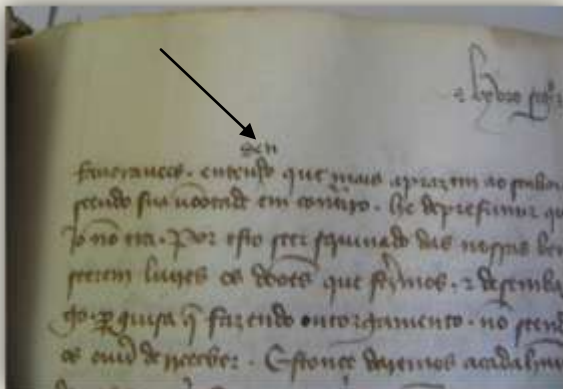


Fotografia 47 – marca de posse do Convento dos Monges Cartuxos de Évora, f. [1].

## 8 – UM TESOURO (DES)COBRE-SE...

Como convém a qualquer tesouro, há segredos que continuam por desvendar...

- Quem corrigiu alguns “erros” e acrescentou palavras em falta? Provavelmente, o próprio copista (Frei João Verba?), ou o Infante D. Pedro, aquando da revisão final do texto...

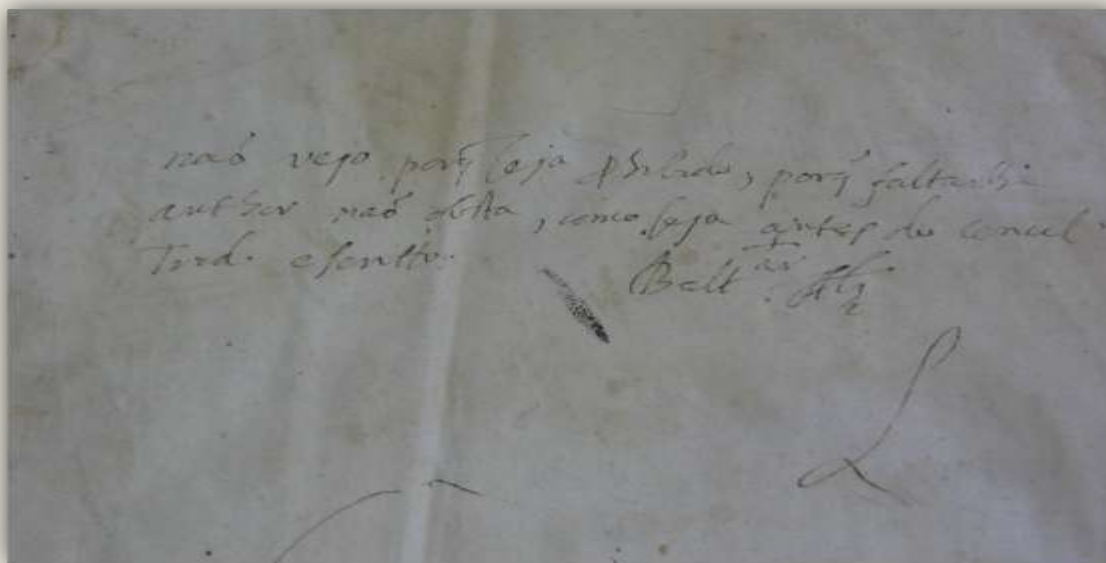


Fotografias 48 e 49 – correcção de “erros” e acrescento de palavras, f. 69[73] e f. 117[121], respectivamente.



- Quem é Baltazar Álvares, cujas palavras aparecem no verso do *fólio de guarda*? Talvez um estudioso/investigador que, em finais do século XVI(?), tentou desvendar os seus segredos...

“não vejo porque seja probado, porque faltarlhe / author não obsta, como seja antes do Concilio / Tirdentino(?) escrito / Baltazar Alvarez”



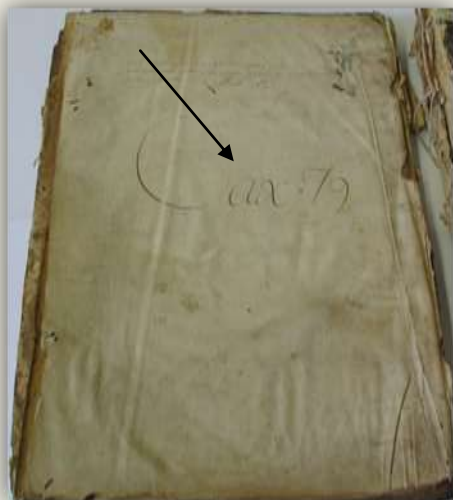
Fotografia 50 – marca de uso – inscrição de Baltazar Álvares, verso do *fólio de guarda*.

- Quem pôs em evidência partes do texto marcando-as com pequenas flores estilizadas e cruzes? Provavelmente um leitor ávido do seu saber...



Fotografia 51 – marcas de uso – sinalefas, f. 97[101].

- A que biblioteca correspondem as *localizações topográficas* presentes no códice? Livraria Real de D. Duarte, Biblioteca de D. Teotónio de Bragança, Biblioteca do Convento da Cartuxa de Évora, Biblioteca do Dr. António Nunes de Carvalho, ...



Fotografias 52 e 53 – marcas de *localizações topográficas*, verso do fólio de guarda e f. 129v[133v], respectivamente.

## 9 – (em jeito de) CONCLUSÃO...

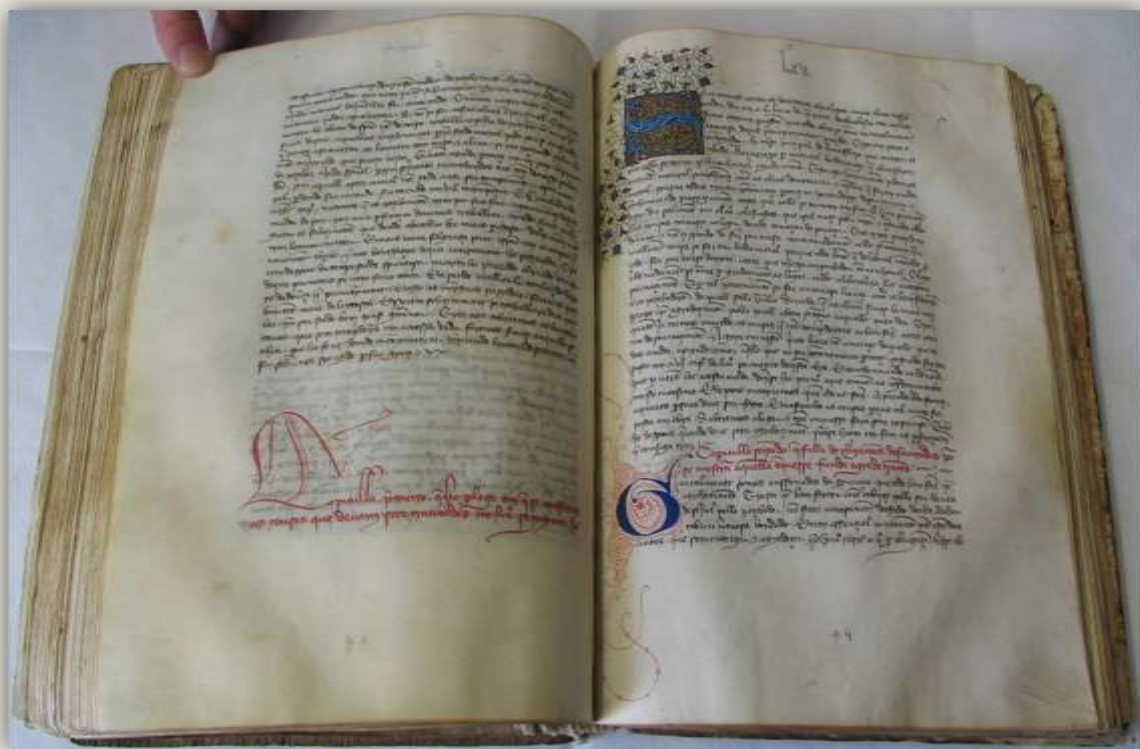
Obra de um homem visionário e cosmopolita coadjuvado por um monge dominicano, o *trattado da virtuosa benefeytoria* insere-se numa literatura de forte cariz didáctico, tão característica da *Dinastia de Avis*, em que, através da arte de bem requerer, dar, receber e agradecer *benefícios*, príncipes e senhores aprendem a ser modelos de conduta para os seus súbditos, vassallos e servos.

Se na obra o equilíbrio deve reger a conduta de príncipes e senhores, no *códice* da combinação harmoniosa de linhas e proporções nasce um exemplar eurrítmico, fruto do conhecimento e trabalho de verdadeiros mestres artesãos.

Desde a escolha do *pergaminho* até à construção dos *cadernos*, passando pela imposição do texto e respectiva ornamentação na página, não esquecendo a encadernação, tudo foi pensado e planeado de maneira a que o resultado final fosse *agradável ao olhar* do leitor/observador, porém simples e prático tal como uma obra didáctica deve ser.

Mas o *códice viseense* é também um *livro vivo*, um livro que, ao longo de cerca de 600 anos, foi manuseado, lido, analisado e anotado por aqueles que a ele recorreram em busca de sabedoria.





Fotografia 54 – eurrítmia do exemplar, f. 94v[98v] e f. 95[99].

## 10 – BIBLIOGRAFIA...

- ALMEIDA, Fortunato de Almeida – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Civilização Editora, 1968. vol. II.
- CALADO, Adelino de Almeida, ed. crítico – *Livro da Vertuosa Benfeytoria*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1994.
- CASTRO, Ivo – A Elaboração da Língua Portuguesa no Tempo do Infante D. Pedro. *Biblios: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras. vol. LXIX (1993), p. 97 – 106.
- DIAS, Aida Fernanda – A Obra de Reis e Infantes da Dinastia de Avis. In REIS, Carlos, director – *História Crítica da Literatura Portuguesa: Idade Média*. Lisboa: Verbo, 1998. p. 307 – 328.
- DIAS, Pedro, director – *A Iluminura nos Descobrimentos*. Lisboa: Figueirinhas, 1990. (catálogo de exposição).
- FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça – *Novo Dicionário do Livro: da Escrita ao Multimédia*. Lisboa: Círculo de Leitores e Autoras, 1999. ISBN 972-42-1985-2.

- GARCIA, Elisa Ruiz – *Introducción a la Codicología*. 2.ª ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002. (Biblioteca del Libro). ISBN 84-89284-41-X.
- LABARRE, Albert – *História do Livro*. 8.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. ISBN 972-24-1326-0.
- NASCIMENTO, Aires Augusto do [et al] – *A Iluminura em Portugal: identidade e influências: (do século X ao XVI)*. Coord. de Maria Adelaide Miranda. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. (catálogo de exposição).
- NASCIMENTO, Aires Augusto do – *As Livrarias dos Príncipes de Avis. Biblios: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras. vol. LXIX (1993), p. 265 – 287.
- PINHO, Sebastião Tavares de – *O Infante D. Pedro e a “Escola de Tradutores da Corte de Avis”*. *Biblios: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras. vol. LXIX (1993), p. 129 – 153.
- SANTOS, Maria José Azevedo – *Da Visigótica à Carolina: a escrita em Portugal de 882 a 1172*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- SANTOS, Reynaldo dos [et al] – *História da Arte em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, s/d. vol. II.
- SERRÃO, Joel, director – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981. vols. II e V.
- SOARES, Nair de Castro – *A Virtuosa Benfeitoria, primeiro tratado de educação de príncipes em Portugal*. *Biblios: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras. vol. LXIX (1993), p. 289 – 314.
- VALE, Lucena e – *No 1.º Centenário da Biblioteca Pública de Viseu*. *Revista Beira Alta*. Viseu: Tipografia Beira Alta. Separata (1964).